

ANÁLISE DOS ARTEFATOS METAFÓRICOS DISCURSIVOS NA ELABORAÇÃO DA MÍSTICA DO MST

João Rodrigues Pinto¹

Resumo: Partindo do pressuposto que a “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 48), o trabalho descreve as práticas e representações da Mística desenvolvida pelos estudantes do curso de Letras da Terra da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus X), em parceria com o Pronera e o MST. O objetivo é compreender a mística como o espaço simbólico em que várias vozes estão inscritas, marcando o movimento dos sujeitos, dos sentidos, enfim, dos discursos, levando em consideração, a presença de metáforas “para dar expressão adequada às necessidades crescentes de seu espírito” (CASSIRER, 2003, p.103), mas, sobretudo, como estratégia persuasiva e sua eficácia retórica, uma vez que a mística e suas nuances narrativas se fazem presentes em todas as esferas do agir coletivo do MST como ferramenta eficaz no aprofundamento do sentido dos seus objetivos. Trata-se de uma abordagem que busca entender a mística enquanto celebração memorialística permeada por uma intencionalidade consciente e caracterizada como um processo que mobiliza, educa e politiza os sujeitos Sem Terra, como formas de melhor discernir sua identidade cultural e unidade ideológica. O corpus compõe-se de descrições e enunciados selecionados aleatoriamente de narrativas apresentadas nas místicas do MST.

Palavras chaves: Mística, Metáfora, Discurso, Sem Terra.

Summary: ANALYSIS OF ARTIFACTS IN METAPHORICAL DISCURSIVE MST THE MYSTIQUE OF PREPARATION. Assuming that the "essence of metaphor is understanding and experiencing one thing in terms of another" (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 48), the paper describes the practices and representations of the Mystic developed by students of the Earth Letters of course State University of Bahia (UNEB / Campus X), in partnership with the Pronera and the MST. The goal is to understand the mystical as the symbolic space where multiple voices are entered, marking the movement of the subject, directions, finally, speeches, taking into account the presence of metaphors "to give adequate expression to the growing needs of your spirit" (CASSIRER, 2003, p.103), but above all as persuasive strategy and its rhetorical effectiveness, since the mystical and its narrative nuances are present in all spheres of the collective work of the MST as an effective tool in deepening sense of its objectives. This is an approach that seeks to understand the mystique while memorialística celebration permeated by a conscious intentionality and characterized as a process that mobilizes, educates and politicizes the subjects landless, as ways to better discern their cultural identity and ideological unity. The corpus consists of descriptions and randomly selected set of narratives presented in MST mystical.

Keywords: Mystic. Metaphor. Speech. Landless.

Ao invés de tomar a palavra,
gostaria de ser envolvido por ela
e levado bem além de todo começo possível.
Gostaria de perceber que no momento de falar
uma voz sem nome me precedia há muito tempo
Michel Foucault

¹ Doutorando em Linguística (PUC-Minas); Mestre em Teatro, Cultura e Educação /UNIRIO; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia baiano - campus Teixeira de Freitas/BA.

Por muito tempo acreditou-se que a metáfora era um fenômeno exclusivo da linguagem, um ornamento linguístico do texto literário (ZANOTTO, 2002); uma clara relação com o objetivismo científico que defende o possível acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo, e entende a linguagem como mero espelho da realidade objetiva.

Essa visão equivocada começa a se desfazer a partir de 1970, quando a metáfora passa a ser compreendida além de uma mera questão de linguagem, mas de pensamento, tornando-se o centro das atenções de pesquisadores da linguagem e da Psicologia, mais tarde denominada Linguística Cognitiva. Entre eles Lakoff & Johnson, que, nos anos 1980, rompem com a visão tradicional, afirmando que a “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (2002, p. 48).

Zanotto (2002), ao citar Lakoff, Johnson e Turner, enfatiza a metáfora como um fenômeno cognitivo-social presente no cotidiano, não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Para esses estudiosos da metáfora, a partir da análise de expressões linguísticas, pode-se inferir um sistema conceptual metafórico que revela a maneira que as pessoas fazem sentido do mundo à sua volta e delas mesmas.

Sendo assim, a noção de metáfora eleita para o estudo que se apresenta foi definida como a figura de significado que se coloca na analogia ou na relação de similaridade: “as palavras deixam de ter o seu sentido próprio para adquirirem outro compatível com o contexto onde estão inseridas” (MORAES, 2001, p. 115).

A utilização da linguagem metafórica mostra o quanto a língua é dinâmica e polissêmica, já que as palavras adquirem muitos e variados significados, gerando a possibilidade de diversas leituras para cada texto, em diferentes contextos. Nesse estudo, será possível notar essa dinamicidade na verificação de fragmentos de algumas narrativas elaboradas na apresentação da mística do MST.

Ora, a mística, como será exposta mais adiante, tem a função de celebrar a memória coletiva, reavivada através da performance, do sentido de pertença, do cotidiano e da arte - elementos sintetizados metaforicamente num discurso em que, “as palavras são construídas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN e VALOCHINOV, 1997, p. 41).

Nesse sentido podemos dizer que na celebração da mística, a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. Diante desse evento repleto de significações, somos capazes de compreender as palavras, mas “somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN e VALOCHINOV, 1997, p. 95).

Então, a mística pode ser considerada um modo de comunicação intencionalmente elaborado pelo MST, cuja produção conta, necessariamente, com a combinação das linguagens verbal e não-verbal, utilizadas com a intenção de representar, mobilizar, sensibilizar e envolver a todos no mistério, para, desse modo, fortalecer o espírito de luta.

Para compreender a mística como o espaço simbólico em que várias vozes estão inscritas, levando em consideração a presença de metáforas como estratégia persuasiva e sua eficácia retórica, propomos uma análise para explorar e descrever as metáforas elaboradas, tomando como referência artefatos, monumentos e representações relacionadas aos espaços em que elas se inserem. Nessa perspectiva será possível observar que os elementos materiais simbólicos (largamente utilizados na organização da mística), além de serem indexadores por excelência da produção de sentidos metafóricos, cumprem um papel fundamental de fornecer significados num domínio ontológico, cuja carga de significados possa ser transportada para outro domínio. Assim, os elementos materiais ou figurativos facilitam a visualização da imagem metafórica, promovendo a associação entre os dois mundos ou domínios.

A análise tem a finalidade de apresentar, com base nas teorias abordadas, a dinâmica dos sentidos, símbolos e gestos que preenchem as místicas do MST e, desse modo, entender como essa dinâmica é incorporada ao processamento metafórico. Para tanto, utilizamos um corpus composto de: i) relatos de estudantes/militantes do MST; ii) textos utilizados na organização da mística (hino do MST, letras musicais); iii) descrição de uma mística realizada na Assembléia Popular, realizada em Brasília, no ano de 2005.

Entre a palavra e o gesto

A Mística praticada hoje pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra teve seu início na Igreja Católica com a Teologia da Libertação na década de 1970/80, período de franca expansão das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e as pastorais, em especial a Comissão Pastoral da Terra (CPT), composta por padres e agentes religiosos, possuidores de uma profunda convicção cristã e marxista. Havia o costume de iniciar os encontros ou qualquer evento comunitário com uma dinâmica de motivação (mais tarde denominada “mística”). Era uma espécie de encenação de, no máximo 20 minutos, sobre a temática do dia, que mesclava textos, música e símbolos: elementos do cotidiano, com representação religiosa e cultural, expostos numa intenção comunicativa.

Com o surgimento do MST na década de 1980 (apoiado pela CPT), as motivações – batizadas de “místicas” - foram assumidas como forma de manter (e alimentar) o ideal do movimento: conquistar a terra e lutar contra as desigualdades sociais. A chamada “celebração da mística” parte de uma situação social que esteja, de algum modo, relacionada à história do movimento e das lutas sociais em defesa da liberdade, com destaque para a memória dos mártires e revolucionários que se dedicaram à causa ali exposta. Para os sem-terra, a mística tem a função de mover, inquietar e tocar o interior de cada um.

Desde o seu nascimento, o MST manteve a espiritualidade vinculada à formação política, aquela à qual formava o cristão militante. Desse modo, a prática definida como mística, pode ser considerada como a fé e o devotamento em direção a uma causa, que pode preencher e unificar a todos em torno de uma mesma ideia: o compromisso coletivo de permanecer ou de caminhar em direção à terra prometida.

A militância do MST entende que é função da mística rememorar os fatos marcantes como assassinatos de trabalhadores do campo, confrontos com a polícia e fazendeiros, caminhadas e protestos políticos, entre outros, expressados em mensagens e conteúdos simbólicos que fazem parte do cotidiano campesino, tais como, as ferramentas de trabalho, os alimentos e a arte: música, poesia, desenhos, fotografias, teatro e demais artefatos discursivos.

A estudante Débora, educadora de uma escola do MST, discutiu o fenômeno da mística em seu trabalho de conclusão do curso de Letras. Para ela, “uma boa mística sempre carrega uma mensagem de ânimo, esperança, coragem e conhecimento”. No

dizer da educadora, a mística deve revestir a palavra de imagens, símbolos, gestos e sons. São artefatos argumentativos que se afloram metaforicamente nas entranhas da mensagem libertária do MST, ou, dito de outro modo, é o discurso atravessado pela heterogeneidade, segundo a qual, sob o mesmo dizer do sujeito, muitas vozes são ditas, marcando o modo em que outros lugares sociais foram ocupados e colocam-se em curso no momento da enunciação.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que a metáfora, como processo conceitual cognitivo, materializa-se não apenas no nível verbal, mas entre o verbal e o imagético. As narrativas que compõem a mística são claros exemplos dessa materialização, já que os artefatos argumentativos atuam na construção de sentido, voltados ao fortalecimento do movimento junto às bases que sustentam/disseminam a sua ideologia.

A mística do MST e os ecos do mundo religioso

A mística nasceu das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Isso é fato. Entretanto, nota-se na fala de alguns estudantes, certo esforço para afastar da mística o caráter acentuadamente cristão – fruto da sua essência -, mesmo tendo em vista que os rituais repletos de símbolos e gestos reafirmam, indiretamente, os ecos do mundo religioso, como se pode notar no quadro abaixo:

Quadro 01 - Ecos do mundo religioso

SÍMBOLO	GESTO
CRUZ	A via dolorosa de Jesus Cristo, a cruz como símbolo do martírio provocado pelas desigualdades sociais: “Ele, carregando a <i>cruz</i> , saiu da cidade, rumo ao lugar chamado Gólgota” (Jo, 19, 17)
SANGUE	Santificação, tombamento (os mártires religiosos deixaram exemplos de coletividade, justiça, respeito, bondade e, sobretudo, opção preferencial pelos pobres), o <i>sangue</i> restaurador: “Jesus entrou em agonia e rezava mais intensamente e seu suor tornou-se como densas gotas de <i>sangue</i> que caíam pelo chão” (Lc, 22, 44); “Este é o meu <i>sangue</i> , <i>sangue</i> que vai ser derramado por muitos” (Mc, 14, 24)
PÃO	Comida para todos, partilha; consagração do corpo de Jesus que é partilhado, multiplicação dos pães “Todos comeram e ficaram satisfeitos” (Mc, 6, 42)
TERRA	A terra prometida, símbolo da reforma agrária, coletividade, resistência, fuga da escravidão, liderança de Moisés
SEMENTE	Parábola do semeador
LUZ	“Vós sois a luz do mundo”
ÁGUA	Água que verdadeiramente mata a sede, a água é vida, “bebereis e ficareis saciados”.

A presença de determinados objetos e símbolos na apresentação da mística não significa meros ornamentos cênicos, mas a forma de dinamizar o modo de comunicação, interagindo com a mensagem/discurso levada ao público. Na compreensão de Boltanski e Thévenot (1991), a introdução dos objetos na problemática do vínculo social permite interpretar qual o estatuto da *realidade* aos olhos dos próprios atores, e como os objetos são mobilizados no discurso e na ação. Os objetos não determinam a ação, mas funcionam como *estabilizadores* do mundo social. Através deles, os atores sociais literalmente colocam o vínculo social à prova. Por isso a mística não é teatro - embora se utilize de linguagem e elementos dramaturgicos - mas, um discurso ornamentado com uma finalidade político/ideológica previamente estabelecida: reavivamento dos ideais do movimento, fortalecimento da unidade, da luta, e, sobretudo, da identidade sem-terra.

Para qualquer estudioso da mística, é notável a presença desses elementos simbólicos que adornam as narrativas e metaforicamente orientam a sua argumentação, numa direção oposta à esfera puramente cristã, mas sem conseguir afastar a sua gênese – o que é uma marca da identidade do movimento, dada à história de sua fundação. Qualquer mística que aborde, por exemplo, um conflito, alguns desses símbolos e gestos estarão presentes. São ritos que embora não sejam concebidos como sacralizados, são, de certo modo, cristalizados pelo evento místico apropriado pelo ator MST.

Figura 1 - Mística do MST



Fonte: Secretaria Nacional do MST

Para Hoffmann (1990), a cruz, que sempre foi uma centralidade simbólica, continua hoje nos assentamentos; expressa um código profundo de representação que pode ir da luta pela solidariedade à integração dos rituais religiosos (missa, terço, estudos bíblicos, entre outros), como na luta pela terra em sua mescla e mística com a dimensão da fé; é uma síntese de representação religiosa, mas que dá outros sentidos às condutas do grupo, regulando ações/comportamentos (PASQUETTI, 2007).

A cruz carrega a sensibilidade do sofrimento, agrega, nesse sentido, os sofredores do campo: pequenos produtores, pequenos arrendatários, posseiros da área indígena, peões, diaristas, agregados, parceiros e posseiros em geral. Ela integra experiências comuns; produz, induz, baseia-se e informa um discurso religioso, uma verdade revelada de longa data (Abraão, Moisés, a caminhada para a terra prometida, o povo escolhido para uma luta sagrada); codifica expectativas e esperanças, lutas e sua redenção/ressurreição/libertação (HOFFMANN, 1990).

Para Chaves (2000), na mística os propósitos são concebidos como plenamente realizados quando, afetando a sensibilidade, ela toca a emoção. Por isso, a mística sempre é feita com elementos imediatos: materiais corriqueiros, fatos correntes, acontecimentos próximos. Ela se compõe do eventual: bandeiras, cruz, velas, frutos, enxadas, galhos retorcidos, pratos, pedaços de lona: tudo pode ser material para ela.

Padre Josimo, cura do sertão, assassinado pelos jagunços do latifúndio; Karl Marx ao lado de Jesus Cristo. Quem se espanta com a mescla, na verdade, conhece muito pouco da mentalidade do povo brasileiro e nem parece também estar atento a verdadeiras dimensões do humanismo socialista (SAMPAIO, 2005).

É nesse “jeito” de lembrar e manter viva a memória na personificação e vivificação dos mártires que está presente a diversidade de modos de narrar, oriundos de diferentes vivências. Com base nas reflexões de Bakhtin e Volochinov (1997), na narrativa mística, pode-se notar a presença de várias vozes e dada à polifonia que estas vozes carregam, percebe-se a riqueza das práticas na construção de memórias, identidades e subjetividades dos sem-terra.

Para Débora, os gestos são expressivos e repletos de significado: “o canto, o punho esquerdo cerrado, indicam a indignação, o compromisso, a disposição de luta, atitude e esperança”. São representações simbólicas do cotidiano político da organização, que podem soar como redundantes, embora a redundância dos gestos constitua a classe dos símbolos rituais:

O muçulmano, que na hora da prece, se prostra em direção ao Oriente, o padre cristão que abençoa o pão e o vinho, o soldado que presta homenagem à bandeira, o dançarino, o ator que interpreta um combate ou uma cena de amor confere, como seus gestos, uma atitude significativa a seus corpos ou aos objetos que manipulam (DURAND, 1988, p. 17).

Para Ademar Bogo (2009), a mística é a representação do mistério. A palavra grega *mysteriôn* tem origem em *múien*, que quer dizer a busca de entender o que está escondido nas coisas. Para esse autor do MST, mistério não equivale a enigma que, decifrado, desaparece. Ao contrário, quanto mais se decifra, mais misterioso fica. “A ansiedade de buscar mais, no mundo da utopia é algo que nunca se esgota”, enfatiza.

Assim, a mística não se constitui apenas ao ato da consagração. O seu efeito na mente dos intérpretes/leitores ao que parece, têm a função de ser permanente, abastecendo de energia, coragem e ânimo os trabalhadores rurais sem terra. Há uma pretensão implícita: que o efeito da mística se prolongue em todos os atos cotidianos, norteando as atividades, motivando-os para a contínua luta pela posse da terra, educação e produção. Não é a toa que, para os militantes, a mística é considerada “a alma do Movimento”. Talvez por ser também abstrata e universal, é, conforme afirma a educadora Débora, “tão viva quanto a própria vida dos seus praticantes, como a história

de todos que se doaram até a morte pela liberdade de querer verdadeiramente uma vida digna para a humanidade”.

Nesta perspectiva, Leonardo Boff e Frei Betto definem a *mística* em seu sentido sociopolítico como sendo a expressão do “conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou que sustentam a esperança face aos fracassos históricos” (1999, p. 37).

O autor chama a atenção para um elemento essencial da mística: a utopia. Boff considera a utopia como a capacidade de projetar potencialidades do real, novos sonhos, modelos alternativos e projetos diferentes de história. Ou seja, “a luta transforma-se em paixão e a mística transforma-se no motor secreto de todo o compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas dentro da monotonia das tarefas cotidianas” (BOFF, L; BETTO, Frei, 1999, p. 39).

A Mística e os Artefatos Metafóricos Discursivos

Os estudos de Haracleous e Jacobs (2008) foram importantes para o entendimento da metáfora nos estudos organizacionais para além da linguagem e do discurso (metáfora linguística ou verbal), incluindo aí a metáfora visual, constituída por sinais, elementos pictóricos, imagens e artefatos construídos, e a metáfora sonora, composta de sons ou música. Na realidade, os autores ampliam aquilo que Zanotto (1998) chama de “processo analítico” por meio do qual se estabelecem relações entre dois diferentes domínios de elaboração das metáforas, porém tomando como base o elemento espacial como fator determinante de incorporação da metáfora.

A concepção de Haracleous e Jacobs (2008), embora não seja aprofundando neste estudo, serviu para pontuar o sentido de examinar os artefatos utilizados pelos militantes do MST na elaboração de metáforas, nas suas místicas. A análise parte resumidamente das proposições de Lakoff (2008) na Teoria Neural da Metáfora, com vistas a permitir uma visualização dos domínios fonte e alvo a partir dos artefatos expostos numa intenção metaforicamente comunicativa.

A apresentação de qualquer mística começa com um enunciado (um tema que se anuncia) que, por sua vez, é movido por uma intenção comunicativa com que o locutor pretende, de alguma forma, agir sobre as representações cognitivas do interlocutor em relação ao seu conteúdo proposicional. Através dele, deseja obter uma resposta, um comportamento, ou uma adesão de cariz epistêmico. Para esse fim, deve considerar as condições de sucesso para o mesmo enunciado, e avaliar as consequências da sua realização.

A título de ilustração, segue a descrição da preparação/execução de uma mística apresentada pelos educadores militantes do MST na Assembleia Popular, realizada em Brasília, no ano de 2005. A mística foi organizada com a intenção comunicativa de representar os povos excluídos da América Latina (trabalhadores rurais, indígenas e negros), lutando unidos contra as forças opressoras, em prol de sua emancipação. O tema era *A luta dos trabalhadores excluídos da América Latina*.

a) *Situação inicial*: três pequenos grupos, cada um em local específico. O primeiro grupo simboliza os agricultores que cultivam a terra; outro, os indígenas que dançam; e o terceiro os quilombolas trabalham. Os três grupos vestem a caráter e desenvolvem simultaneamente suas ações;

b) *Confronto*:

- Entra um grupo com homens de ternos e gravata acompanhados de um grupo de jagunços (armados, simbolizando poder e proteção dos latifundiários).

- O bem vestido carrega um cartaz com os dizeres: '*Bem vindos ao progresso*'.

- Entra um homem esbelto, bem vestido, simbolizando o político, carrega na cabeça um chapéu com as cores dos Estados Unidos.

- Atrás do político, em uma caravana, entram homens com becas, representando o aparato das leis;

c) *Conflito*:

- Os jagunços violentam os índios;

- Um lápis gigante agride os camponeses que são cercados com os outros grupos;

- O conhecimento, representado pelo lápis, é usado contra os trabalhadores;

d) *Reação*:

- Os três grupos, ao serem colocados juntos na escravidão passam a entrar em contato e ocorre a partilha;

- Dados sobre a exclusão dos índios e negros e sobre a desigualdade social são enumerados;

e) *Desfecho:*

- Os grupos, se libertam, os opressores fogem.

- Todos dançam espalhados pelo palco.

- Bonecos gigantes representando o camponês, o índio, o negro e a mulher chegam ao palco.

- Surgem cuspidores de fogo com roupas verde e amarelo, fomentam a chama da luta.

- Os oprimidos vestem as camisas do MST.

- Entoação do hino do MST e o asteamento da bandeira: selo do pertencimento.

Análise

Para a construção analítica proposta, utilizaremos a descrição da arquitetura da mística (elaboração do cenário, personagens simbólicos, indumentárias), identificando a presença de metáforas nesses artefatos discursivos.

Com base na descrição da mística podemos identificar a presença de metáforas a começar pelo título: “A luta dos trabalhadores excluídos da América Latina”. Trata-se de um enunciado produzido pelos militantes do MST, que pode ser considerado uma expressão metafórica da metáfora REFORMA AGRÁRIA É GUERRA. Os argumentos que proliferam dessa expressão metafórica, realizam a produção de sentido, a partir de construções metafóricas que compreendem dois domínios fontes aparentemente sem importância: ROUPA e LÁPIS. É importante salientarmos que para um domínio alvo podem ser utilizados vários domínios fontes – denominados “artefatos metafóricos discursivos” -, como mostra o quadro abaixo:

METÁFORA CONCEPTUAL	ROUPA É IDENTIDADE
Artefatos metafóricos discursivos	- Chega um grupo com homens de <i>terno e gravata</i> - Entra um homem esbelto, <i>bem vestido</i> , simbolizando o político - Aparecem <i>homens com becas</i> , representando o

	aparato das leis - Os oprimidos vestem as camisas do MST
Artefatos metafóricos discursivos	ROUPA É PROGRESSO
	- O <i>bem vestido</i> carrega um cartaz com os dizeres: ' <i>Bem vindos ao progresso</i> '.
	ROUPA É OPRESSÃO
Artefatos metafóricos discursivos	- <i>Homens vestidos</i> de jagunços entram armados, simbolizando poder e proteção dos latifundiários.
	ROUPA É TRABALHO
Artefatos metafóricos discursivos	- Os três grupos (agricultores, quilombolas e indígenas) <i>vestem a caráter</i> e trabalham na terra.
	ROUPA É FANTASIA
Artefatos metafóricos discursivos	- <i>Bonecos gigantes</i> representando o camponês, o índio, o negro e a mulher chegam ao palco.
	ROUPA É GUERRA
Artefatos metafóricos discursivos	- Surgem cuspidores de fogo, que, com roupas verde e amarelo fomentam a chama da luta.
	ROUPA É EUA
Artefatos metafóricos discursivos	- [...] na cabeça um chapéu com as cores dos Estados Unidos
	LÁPIS É CONHECIMENTO
Artefatos metafóricos discursivos	- O conhecimento, representado pelo lápis é usado contra os trabalhadores
	LÁPIS É GUERRA
Artefatos metafóricos discursivos	- Um lápis gigante agride os camponeses que são cercados com os outros grupos.

Considerando que a celebração da Mística é rica em figuras de sentido, a metáfora multimodal é aquela em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos. Na elaboração da mística (acima) os gestos, os símbolos e as imagens, são metáforas visuais que completam/ampliam a mensagem e, conseqüentemente, a produção de sentido intencionalmente almejada. Para Forceville (2009), a qualificação “exclusivamente ou predominantemente” é necessária porque as metáforas não verbais frequentemente possuem fontes e/ou alvos que são construídos sobre mais de um modo simultaneamente.

Assim, podemos inferir que o posicionamento das metáforas não-verbais pode apresentar conotações negativas e positivas conforme o contexto em que são apresentadas. Por exemplo: a roupa do soldado é mais do que um simples acessório. Trata-se de uma representação tanto positiva: força, coragem, luta, guerra, combate, heroísmo, etc.; quanto negativa: opressão, perseguição, inimigo, matador, exterminador, atirador, etc. Na mística elaborada pela militância do MST, a imagem do policial é associada ao elemento negativo, fruto de centenas de confrontos entre a polícia e os sem-terra ao longo de sua história de ocupação e políticas de assentamento.

O lápis é um objeto utilizado para escrever. Na mística o lápis adquire outro conceito. Metaforicamente significa conhecimento - que na lógica do MST só terá sentido se for partilhado, coletivo, público. Sem essa conotação o conhecimento (representado pelo lápis) produz a opressão.

Na mística o elemento negativo, que simboliza a opressão e as desigualdades sociais, é colocado numa *intenção* comunicativa para, num primeiro momento, provocar a indignação diante da burguesia representativa da sociedade capitalista. Num segundo momento, quando a mística destaca a reação, retoma os objetivos do MST: o enfrentamento, a união dos trabalhadores, a organização, a vitória.

Tais inferências corroboram com a lógica segundo a qual um discurso não é interpretado de modo isolado, mas sempre em relação ao que foi dito anteriormente a favor ou contra ele (LAKOFF, JOHNSON, 2002).

Mística e Metáforas

Se a busca de um conceito de mística é repleto de desafios; o ato de conceituar “metáfora”, também não é tarefa fácil. Ora, desde Aristóteles até os dias atuais, o conceito de metáfora passou por muitas transformações e, não raramente, enquanto um tropo de linguagem, a metáfora se tornou algo intrínseco ao cotidiano dos indivíduos. Desse modo, buscamos neste estudo, problematizar o sentido mesmo de metáfora a partir da visão de alguns teóricos, tanto do campo da Linguística quanto da Literatura, que se debruçaram sobre o tema.

Para Salvatore D’Onofrio (2003), é preciso distinguir a metáfora num sentido amplo, como onipresente princípio da linguagem, da metáfora num sentido estrito, como tropo ou figura de estilo. Para o autor, no sentido genérico, o metaforismo está presente na economia primitiva do sistema de referência do homem:

[...] a língua primitiva não conhece adjetivação (fusão universal com o particular) e o processo de atribuição é realizado pelo encadeamento mecânico do particular com o particular (subjativação composta). Assim, por exemplo, em lugar de dizer ‘cão preto’ o primitivo diz ‘cão gralha’ (gralha = pássaro de cabeça preta) (D’ONOFRIO, 2003, p.38).

Afirma D’Onofrio (2003) que a metáfora pode ser compreendida tanto no sentido lato, quando fazemos uso de certo tipo de pensamento abstrato (comparativo) no

cotidiano, ou num sentido estrito, quando a tomamos como uma figura de linguagem. O autor ressalta que a metáfora encontra-se presente numa “linguagem primitiva”, isto é, a maneira como substantivamos os termos concretos e, principalmente, abstratos ocorre com base num substrato metafórico, pelo qual a observação das coisas na natureza sugere a palavra.

No caso das narrativas utilizadas nas místicas do MST, encontramos várias ocorrências metafóricas da realidade vivida pelos militantes e pelo movimento, expostas de modo poético. Nesse sentido, para Jakobson (2003, p. 66), a poesia metafórica poderia ser compreendida como uma espécie de poesia na qual a mensagem está intimamente ligada ao emitente, e este se torna uma espécie de filtro em que todas as coisas se fundem através de sua própria personalidade.

Comprendemos que as narrativas que ajudam a compor as místicas são uma forma de poesia oral que sofre influências do cotidiano dos indivíduos, possuindo uma ligação intrínseca entre o sujeito que a enuncia e o seu cotidiano.

A relação entre metáfora e cotidiano, é vista por Lakof e Johnson, como um processo intrinsecamente construído. Para eles, a metáfora é a linguagem influenciada pelo cotidiano dos indivíduos. São metáforas que resultam: “das memórias e das impressões sensíveis que tive e dos atos, tanto internos quanto externos que realizei” (2002, p. 310).

Nesse sentido, é possível considerar que as metáforas identificáveis na mística produzida pelos militantes do MST apresentam naturalmente uma relação de similaridade, analogia entre os fatos, situações em que as palavras deixam de ter o seu sentido próprio para adquirirem outro compatível com o contexto onde estão inseridas.

Para Ernest Cassirer, a criação da metáfora está condicionada à necessidade de expressão adequada do espírito humano. Para ele, “o homem quisesse ou não, foi forçado a falar metaforicamente, e isto não porque não lhe fosse possível frear sua fantasia poética, mas antes porque devia esforçar-se ao máximo para dar expressão adequada às necessidades crescentes de seu espírito” (2003, p.103).

Sendo assim, tomam corpo os aspectos sociais e subjetivos da metáfora como um tropo de linguagem. Segundo Gomes (2009), pode-se dizer que a metáfora é o substrato da linguagem e, à proporção que vai se tornando uma “convenção social”, o

substantivo passa a ser referente e liberta-se da aura conotativa que tinha em seu momento de criação.

A capacidade metafórica da linguagem humana é atestada, diacronicamente, pela existência de inúmeras metáforas de uso, das quais se perdeu o sentido de tropo e que compõem a linguagem comum: ‘cair em si’, ‘pressão de medo’, etc. Ainda no sentido genérico qualquer texto artístico pode ser considerado uma grande metáfora por seu sentido conotativo, por inventar personagens análogas aos seres reais, por atribuir semas humanos a animais ou a entes inanimados, pela ficcionalidade de seu universo do discurso (D’ONOFRIO, 2003, p.39).

Algumas metáforas, na visão de Gomes (2009), costumam sofrer certo “desgaste” pelo uso, sendo que elas, muitas vezes, encontram-se profundamente aderidas ao vocabulário dos indivíduos que acabam nem se dando conta de sua existência. No caso do MST, a letra do hino (composta por Ademar Bogo), entoado a cada final da mística ou em qualquer evento dos sem-terra, é o símbolo máximo da tradução do sentimento de pertença e significação da memória coletiva, como demonstram os enunciados: “a sombra da nossa valentia”; “desfraldemos a nossa rebeldia”; “despertemos a Pátria adormecida”.

METÁFORA CONCEPTUAL	MST É GUERRA <i>À sombra da nossa valentia</i>
Expressões metafóricas	MST É EXPANSÃO <i>Desfraldemos a nossa rebeldia</i>
Expressões metafóricas	MST É REVOLUÇÃO <i>Despertemos a Pátria adormecida.</i>

São exemplos de metáforas que afirmam o ideal, exaltam a força, a coragem e o eterno convite à revolução. O refrão do hino do MST afirma as metáforas GUERRA, EXPANSÃO e REVOLUÇÃO:

METÁFORA CONCEPTUAL	MST É GUERRA <i>Vem lutemos punhos erguidos</i>
Expressões metafóricas	MST É EXPANSÃO <i>Nossa força nos leva a edificar</i>
Expressões metafóricas	MST É REVOLUÇÃO <i>Nossa pátria livre e forte Construída pelo poder popular</i>

O refrão é o ponto alto e exige-se uma performance coletiva, ou seja, todos os presentes erguem o braço esquerdo e fazem o movimento, reafirmando a opção

preferencial pela oposição (*esquerda*), pela revolução (*poder popular*) e pela liberdade (*vem, lutemos...*): um verdadeiro convite à reflexão, ou seria, à revolução?

D’Onofrio (2003), citando Barthes, enfatiza que a metáfora realiza-se quando se mistura a correspondência de duas cadeias de significantes cujos termos não são mais associados segundo o uso tradicional. Dessa violência nasce evidentemente uma informação muito forte, situada a igual distância do banal (ausência de informação pela redundância) e do absurdo (ausência de informação, pelo não-sentido). É essa medianidade entre banal e absurdo que possibilita a correção do desvio e o entendimento da metáfora.

Com base na definição de Barthes (apud D’ONOFRIO, 2003), podemos notar que ao se empregar os termos “valentia” e “rebeldia”, por exemplo, podemos considerar que ali se expõe um lado “agressivo” da metáfora, como se ela estivesse se impondo sobre a linguagem ou tentando fazer com que as frases e/ou palavras deixassem uma impressão marcante no leitor. Para Gomes (2009), se formos analisar mais a fundo, quando nos utilizamos de metáforas é exatamente isto o que queremos: que o receptor preste atenção ao que estamos dizendo, isto é, empregamos palavras com um grau um pouco mais elevado de elaboração, o que exige do receptor mais atenção para compreender o que está sendo enunciado. É por isso que Barthes emprega a metáfora “impressões digitais na nossa alma” para explicar como a metáfora age sobre os receptores. Em outras palavras, a metáfora bem elaborada tem a tendência de atingir o imaginário dos receptores.

Por outro lado, Modesto Carone Neto (1974), apresenta várias facetas da linguagem metafórica, fazendo a junção desta figura de linguagem com sentido visual (na metáfora visual), com o processo de montagem cinematográfica (na montagem metafórica) e com o emprego de um sentido desconhecido (a metáfora absoluta).

No trecho da música *Devoção à Amazônia* (Zé Pinto), constatamos a presença da metáfora como montagem, ou seja, “uma síntese mental, em que pormenores isolados (fragmentos) se unem, num nível mais elevado do pensamento, através de uma maneira desusada, emocional, de raciocinar - diferente da forma lógica comum [...]” (CARONE NETO, 1974, p.103-104).

METÁFORA CONCEPTUAL	REFORMA AGRÁRIA É GRITO <i>Ai de mim! Se a Amazônia dá um grito, nós gritamos juntos</i>
Expressões metafóricas	REFORMA AGRÁRIA É REZA <i>E rezamos assim: Ave Santa árvore, Pai nosso e do palmital, pão nosso do santo fruto</i>

De acordo com Carone Neto (1974), as palavras familiares introduzidas em contexto lógico-discursivo, remetem para significados e referentes que correspondem a expectativas ‘normais’. [...] Mas trata-se ainda de metáforas na medida em que o poeta, para evocar a presença desse ser desconhecido, recorre a um patrimônio verbal existente. [...] “Os signos aqui articulados são meras sinalizações de algo fundamentalmente diverso daquilo que habitualmente designam, essa ‘outra coisa’ é no caso da metáfora absoluta identificável à realidade evasiva do indizível”. (CARONE NETO, 1974, p. 93).

Partindo de uma análise que liga a metáfora ao cotidiano dos indivíduos envolvidos, voltamos nossos estudos para a Teoria de Metáfora dos linguistas Lakoff e Johnson, que em *Metáforas da vida cotidiana* afirmam:

A função primeira da metáfora é dar uma compreensão parcial de um tipo de experiência em termos de um outro tipo de experiência. Isso pode envolver similaridades preexistentes isoladas, a criação de novas similaridades e assim por diante (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 254).

Nos versos dos poetas do MST, as palavras cantadas ou declamadas nas místicas, servem de “transporte ideológico”, por assim dizer, uma vez que é possível identificar o contexto de similaridades metafóricas com a vida cotidiana dos sem-terra, à medida que a metáfora surge a partir de algo existente no dia-a-dia da sociedade em geral.

João Paulo, um dos educadores/militantes do MST, explicou que, além da simbologia, a produção textual é um importante procedimento para o ato místico: “As palavras são poucas. Poéticas e convincentes resgatam os poetas populares e os grandes poetas brasileiros como Haroldo de Campos, Drummond de Andrade, Pedro Terra”.

Grandes poetas podem falar conosco porque usam os modos de pensar que nós já possuímos. Usando a capacidade que todos compartilhamos, poetas podem iluminar a experiência, explorar as consequências de nossas crenças, desafiar a maneira que pensamos e criticar nossas ideologias (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 23).

Para Marcuschi (2000), a metáfora não está presente somente no campo da poética, ela está presente no plano da vida cotidiana e no contexto social. A metáfora é um modo novo de conhecer e comunicar o mundo que já é conhecido. Ela é, de certa forma, um recurso reestruturador da realidade e um ponto de apoio para a capacidade criativa espontânea do indivíduo que criará uma nova realidade.

Tomando como base o poema “Companheiros de Guevara” – interpretado pela mística, retomamos a definição de metáfora visual, que toma duas imagens independentes no caso “marcha” (que personifica caminhada dos sem-terra em direção ao processo de ocupação) e “marcha” (que personifica a revolução e a luta pela implantação do socialismo), que criam/sugerem uma realidade distinta. Podemos, nessa linha de pensamento, definir a mística como o resultado de uma operação dialética do pensamento, em que dois sentidos opostos se unem para formar um terceiro sentido.

As metáforas identificadas, nas narrativas do MST, mostram que a mística pode ser entendida, também, como uma categoria poética oral, que se vale também de um jogo com a palavra e o sentido.

Na compreensão de Gomes (2009), este trabalho com a linguagem, característico da “função poética”, desdobra-se em duas funções que a metáfora ocupa nas respectivas narrativas. A primeira é a de “amenizar” o estilo naturalista formado por uma descrição crua e ácida da realidade. A metáfora, nesse sentido, neutraliza o caráter denotativo da palavra e opera numa esfera de significação que se liga à realidade sem ser referencial. Daí advém a “amenização”. Outra função pode ser observada com relação ao efeito que pode causar no ouvinte o “estranhamento”. Nesse sentido, a linguagem metafórica diferencia-se da linguagem ordinária, apesar de explorar ambientes e situações próximas do cotidiano do sujeito ouvinte. Logo, o estranhamento decorre do fato de o cotidiano ser apresentado nas letras, símbolos, imagens, por outras palavras, ou melhor, pela junção de palavras que possibilitam um modo diferenciado de falar sobre as coisas do mundo. Há, com isso, um impacto sobre o ouvinte, pois não sendo linguagem ordinária, a linguagem metafórica da mística chama atenção para os sentidos da letra e para as várias possibilidades de representação do mundo no universo da linguagem.

Considerações finais

Os dados acima levantados indicam que a Mística desenvolvida pelos estudantes do Curso de Letras da Terra (UNEB/Pronera/MST) marca um lugar discursivo de resistência dos sentidos sobre a luta pela terra no país, inscrevendo e atualizando as redes da memória já ditas em outros contextos sociais e, para tal, entrelaça diversas vozes.

Entretanto, podemos notar que a análise da categoria *mística* é dificultosa, dada a diversidade de sentidos atribuída ao evento. De acordo com Almeida (2005), isso se dá em decorrência de alguns fatores: 1) a mística não é universal, são fenômenos particulares, linguísticos, inseridos em um determinado contexto histórico-religioso, assim não existe mística, mas sim místicas; 2) é muito difícil para alguém contemporâneo (inserido na academia) abordar o tema da mística porque, a rigor, não acredita na mística; 3) os sujeitos que a praticam afirmam que é algo que não se explica, a única forma de saber o que ela é realmente é sentindo-a, vivendo-a. Para Ademar Bogo (2002, p. 20), “esta força inexplicável que há dentro do coração de cada lutador ou lutadora não é para ser explicada com palavras, mas vivida, sentida e transformada em rebeldia, para derrotar os poderosos e libertar a vida de todas as amarras e torturas”.

Nesse sentido, parafraseando Márcia Romão e Soraya Pacífico (2007), podemos considerar que a mística marca um lugar discursivo de resistência dos sentidos sobre a luta pela terra no país, inscrevendo e atualizando as redes da memória já ditas em outros contextos sociais e, para tal, entrelaça diversas vozes. Instala, assim, um modo de produção, constituição e circulação dos sentidos sobre o político, qual seja, faz falar, na voz do movimento, a voz de diversos outros sujeitos de outros movimentos, de sentidos em movimento, em discurso, em curso como o rio que arrasta em seu bojo caudaloso o nascer de todas as fontes, o rastro de todos os trechos percorridos e a força da mistura de várias terras, pedras e águas.

Referências

ALMEIDA, A. A. A mística na luta pela terra. *Revista NERA*. Presidente Prudente Ano 8, n. 7 p. 22-34 Jul./Dez. 2005.

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BOFF, L.; BETTO, F. *Mística e espiritualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOGO, A. *O vigor da Mística*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *De la justification. Les économies de la grandeur*. Paris: Éditions Gallimard, 1991.
- CARONE NETTO, M. *Metáfora e Montagem*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHAVES, C. de A. *A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social/Christine de Alencar Chaves*. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política, 2000.
- CASSIRER, E. *Linguagem, Mito e Religião*. Trad. de Rui Reininho. Porto: Rés, 2003.
- D'ONOFRIO, S. *Teoria do Texto 2*. São Paulo: Ática, 2003.
- FORCEVILLE, C. *Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research*. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. (Eds). *Applications of cognitive linguistics: Multimodal Metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GOMES, A. P. *A metáfora da vida real: um estudo de letras de rap em Londrina*. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais*. Maringá, 2009, p. 95-106.
- HERACLEOUS, L.; JACOBS, C.D. Understanding organizations through embodied metaphors. *Organization Studies*, v. 29, n. 1, p. 45-78, 2008.
- HOFFMANN, L. S. N. 1990. *A cruz e a bandeira: a construção do imaginário dos sem-terra do RS - 1981-87*. Dissertação (Mestrado em História) - Porto Alegre, UFRGS.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida Cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- MARCUSCHI, L. A. *A Propósito da metáfora*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 71 - 89, jan/jun. 2000.
- PASQUETTI, L. A. *Terra ocupada: identidades reconstruídas, 1984-2004*. Tese (Doutoramento em História) – Brasília: UNB, 2007.
- PONCE, E. D. C. *El Movimiento de Trabajadores Sin Tierra de Brasil: la protesta hacia una nueva gramática política*. Archivo Piea 2003, Buenos Aires, 2003.
- ROMÃO, L. M. S.; PACÍFICO, S. M. R. *A biblioteca na página eletrônica do MST: heterogeneidade e memória*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão

Preto. Universidade de São Paulo (Graduação e Pós-Graduação). *Información, Cultura y Sociedad*. n. 17 (2007), 39-50.

SAMPAIO, P. A. *A mística*. Disponível em: [http://www.landless – voices.org/vieira/archive05.phtml](http://www.landless-voices.org/vieira/archive05.phtml). 2005. Acesso em: 05/09/2011.

ZANOTTO, M. S., MOURA, H. M. M, VEREZA, S.; NARDI, M. I. Apresentação à Edição Brasileira. In: LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Maria Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.